



Gregório de Tours e Jordanès: a construção da memória dos 'bárbaros' no VI século

Marcus Cruz

Universidade Federal de Mato Grosso, Av. Fernando Corrêa da Costa, 2367, 78060-900, Boa Esperança, Cuiabá, Mato Grosso.
E-mail: marcusacruz@uol.com.br

RESUMO. A Antiguidade Tardia é um momento pleno de importantes transformações no mundo romano. É então que assistimos ao avanço institucional e social da Igreja cristã que, ao se aliar ao Estado romano, torna o cristianismo religião oficial do Império já sob a égide de Teodósio. Simultaneamente, observamos a incorporação das populações germânicas à sociedade baixo imperial. Um grande desafio se coloca a esses homens, isto é, a interação desses atores à Paideia romano-helenística, o universo cultural tardo antigo. Neste artigo, nosso objetivo é refletir acerca do esforço realizado pelo conhecimento histórico tardo antigo para incorporar aos seus domínios narrativos a tradição trazida pelos povos 'bárbaros' que desde o século V haviam se instalado e constituído um conjunto de reinos no que era, até então, a parte ocidental do Império Romano a partir das obras de Gregório de Tours e Jordanès.

Palavras-chave: antiguidade tardia, historiografia, memória, Gregório de Tours, Jordanès.

Gregory of Tours and Jordanès: The construction of the memory of 6th century barbarians

ABSTRACT. Late Antiquity is a moment of very important transformations in the Roman world. The institutional and social advancement of the Christian Church was brought about through its alliance with the Roman state. This made Christianity the official religion of the Empire under Theodosius. Simultaneously Germanic populations were incorporated into the late imperial society. A great challenge was posed to these people, or rather, the interaction of these agents to the Roman-Hellenistic Paideia, the late antique cultural world. Current article reflects on the efforts made by late former historical knowledge to incorporate within its narrative dominions the tradition brought by the 'barbarians'. Since the fifth century they had settled and founded many kingdoms in what was, until then, the western part of the Roman Empire. The above will be discussed through the historical works of Gregory of Tours and Jordanès.

Keywords: late antiquity, historiography, memory, Gregory of Tours, Jordanès.

Introdução

Uma longa e secular tradição que atravessa o pensamento, que na falta de uma qualificação mais adequada denominaremos ocidental, afirma que a história é uma criação grega, e mais especificamente faz de Heródoto de Halicarnasso, nas célebres palavras do não menos afamado político e orador romano Marcus Túlio Cícero, o 'Pai da História' (HARTOG, 2003, p. 13). No entanto, podemos identificar formas de escrita da história mais de mil anos antes da investigação (ιστορία) inaugural do mestre grego, como aquela que encontramos na monarquia acadiana entre os anos de 2270 e 2083 a.C. (GLASSNER, 1993, p. 20-22).

Apesar dessa perda de primazia, a Investigação herodotiana inicia uma nova forma de escrita da História, na qual o historiador aparece como uma figura 'subjéctiva', ou seja, sem estar vinculado necessariamente a um poder político (HARTOG, 2003, p. 13).

Ao contrário dos historiadores e etnógrafos posteriores, ele não mantinha relações políticas diretas com as cidades persas nem com as gregas que se opunham a elas (GEARY, 2005, p. 63).

Já na abertura de sua obra, Heródoto reivindica para si mesmo a narrativa que principia: "Ao escrever *sua* [grifo nosso] história Heródoto de Halicarnasso..." (HERÓDOTO, 1997, p. 43).

Os princípios estabelecidos para a escrita da história pelos historiadores gregos a partir do século V a.C. constituíram a base do desenvolvimento do pensamento histórico ao longo de toda a Antiguidade Clássica. Durante esse extenso período de tempo, a produção do conhecimento sobre o passado foi tensionada por diversos desafios, por exemplo, a expansão do poderio de Roma respondido por Políbio em suas Histórias.

Porém, durante a Antiguidade Tardia, colocam-se diante dos historiadores forjados nessa tradição

dois grandes reptos, isto é, a incorporação à Paideia romano-helenística, ou seja, ao universo cultural e simbólico tardo antigo, no qual a escrita da história tanto se encontra inserida quanto se constitui em uma das principais manifestações de duas tradições culturais que, se não eram estranhas a esta civilização, pelo menos mantinham relações tensas e ambíguas com a herança de Heródoto e Cícero. Referimo-nos, é claro, aos cristãos e aos ‘bárbaros’¹.

Neste artigo, nosso objetivo é refletir acerca do esforço realizado pelo conhecimento histórico tardo antigo para incorporar aos seus domínios narrativos a tradição trazida pelos povos ‘bárbaros’ que desde o século V haviam se instalado e constituído um conjunto de reinos no que era, até então, a parte ocidental do Império Romano. Especificamente, nos debruçaremos na análise de duas obras de dois diferentes autores: o *Decem Libris Historiarum* que ficou conhecido, erroneamente, como *Historia Francorum* de Gregório de Tours e o *De Origine actibusque Getarum* que foi mais comumente denominado como *Getica* de Jordanès. Os dois autores produziram suas obras na segunda metade do século VI e buscaram, a partir dos princípios da escrita da história vigente, construir uma memória de dois povos ‘bárbaros’, os Francos e os Godos (Visigodos e Ostrogodos), respectivamente, no sentido de incorporar a suas heranças a Paideia romano-helenística.

Um mundo em transformação: a Antiguidade Tardia

O período que se estende do século II ao VIII, que denominamos Antiguidade Tardia, é marcado por profundas e aceleradas transformações no âmbito da bacia do mar Mediterrâneo (FRIGHETTO, 2012). Observa-se a progressiva substituição das estruturas sociais, políticas e culturais que marcaram o que a historiografia denomina Antiguidade Clássica.

Apesar de as dificuldades em estabelecermos um ponto axial para a ruptura entre o que é denominado Antiguidade Clássica e a Antiguidade Tardia, podemos entender que o final do século II, após o

reinado de Marco Aurélio, marca o início dessas transformações, porém, sem dar lugar a dúvidas, na denominada ‘crise do III século’, o processo se acelera substancialmente. Desse modo, a sociedade estabelecida em torno do mar Mediterrâneo atravessa, a partir deste momento, um período particularmente difícil, marcado por inúmeros e diversos problemas, dentre os quais podemos destacar: dificuldades monetárias, inflação, usurpações, guerras civis e pela constante pressão de povos hostis junto ao *limes*, em outras palavras, pela acentuada presença das nações ‘bárbaras’ assediando as fronteiras imperiais.

As dificuldades enfrentadas nas estremaduras de Roma são um fator decisivo para o aceleração de um conjunto de problemas internos vividos pela sociedade romana. Nesta crise, o aspecto religioso assume importância fundamental, pois, como afirma Peter Brown, nada demonstra melhor o irrefutável fato de que a vida, nos moldes e critérios clássicos, havia se tornado intolerável, em decorrência dos problemas enfrentadas pela sociedade imperial ao longo do século III, do que o desenvolvimento e consolidação no seio dessa estrutura social de um conjunto de crenças diverso da religiosidade clássica (BROWN, 1972, p. 51-118).

A afirmação do grande historiador irlandês da Antiguidade Tardia mostra-se acertada por diversos motivos. Em primeiro lugar, o crescimento das religiões de mistério oriental, classificação na qual podemos inserir o cristianismo, aponta para uma profunda transformação da religiosidade romana (CRUZ, 2010, p. 13-31). É importante frisar que os ‘bárbaros’ participam intensamente desse processo, uma vez que é exatamente neste momento, ou seja, mais especificamente a partir do século IV, que observamos o início das conversões à religião cristã de diversos povos ‘bárbaros’ especialmente aqueles situados no *limes* renano-danubiano do Império (ORLANDIS, 2004, p. 43-92).

Por outro lado, o lugar central que a religiosidade ocupa na Paideia romano-helenística aponta que as complexas transformações que verificamos nesse campo, a partir do final do século II e que se aprofundam ao longo da ‘crise do III século’, a reconfiguram, conferindo-lhe uma feição diversa da existente até então ao incorporar novos elementos, constituindo assim o universo cultural e simbólico do mundo tardo antigo.

Em outras palavras, a combinação da pressão nas fronteiras exercidas pelos bárbaros (persas e germanos) e o avolumar das questões religiosas apontam e indicam para profundas mudanças tanto daquela sociedade quanto de seu universo cultural e simbólico. Um dos aspectos que consideramos

¹A noção de bárbaro no universo cultural e simbólico romano é utilizada para designar todos os povos que não compartilham da civilização clássica vivendo simultaneamente à margem desta, mas também em relação com ela. Portanto, é uma concepção que abrange um conjunto múltiplo e variado de sociedades. Apesar do caráter pejorativo que ao longo de muito século este termo carrega, ele se adequa melhor a nossa análise do que a terminologia de germano por dois motivos. Primeiro, aponta para a diversidade e heterogeneidade dos povos que, a partir do *limes*, entraram em contato com Roma e sua cultura e que posteriormente se assentaram no território imperial, algo escamoteado pela ideia de germano que tende a uniformizar e homogeneizar esses povos. Além disso, o conceito de bárbaro remete à partilha identitária fundamental que marca o mundo antigo, ou seja, aquela entre civilização e barbárie. Especialmente porque, ao longo da Antiguidade tardia, esta partilha identitária se modifica exatamente pela incorporação dos ‘bárbaros’ à Paideia. No entanto, é importante frisar que neste trabalho nossa análise irá se deter somente naquelas nações ‘bárbaras’ estabelecidas no *limes* renano-danubiano e que ao longo da Antiguidade Tardia se assentaram na porção ocidental do Império Romano e assim progressivamente constituíram os reinos romano-bárbaros.

fundamental nesse contexto é o esforço da Paidéia romano-helenística para incorporar a doutrina cristã e a tradição germânico-bárbara.

Uma vez que o conceito de Paideia assume um lugar de destaque em nossa análise, entendemos ser necessário definirmos essa noção, ainda que de forma sucinta, em decorrência das limitações inerentes à escrita de um artigo acadêmico.

No *Dicionário da Civilização Grega*, Claude Mossé afirma:

O termo *Paideia*, que traduzimos como ‘educação’, está ligado à raiz *pais*, criança. Na verdade, este termo recobre uma noção muito mais complexa, que passou por um grande desenvolvimento a partir da segunda metade do V século (MOSSÉ, 2004, p. 107-108, grifo do autor).

Na definição da helenista francesa, portanto, o conceito de *Paideia* encontra-se vinculado, pelo menos inicialmente, à educação, ainda que a autora aponte para a complexidade que essa noção irá assumir na sociedade grega, bem como na sociedade clássica como um todo. Tal complexidade se explica pelas claras ligações que a ideia de *Paideia* enquanto educação estabelece com a cultura e a tradição naquelas formações sociais.

A busca em entender essas relações encontra-se no cerne da monumental obra de Werner Jaeger *Paideia: os ideais da cultura grega*. O autor identifica a noção com o conceito de cultura:

Y en forma de *Paideia*, de ‘cultura’, consideraron los griegos la totalidad de su obra creadora em relación con otros pueblos de la Antigüedad de los cuales fueron herederos (JAEGER, 1987, p. 6).

Ou ainda esta outra passagem:

Sin embargo, los verdaderos representantes de la *Paideia* griega no son los artistas mudos – escultores, pintores, arquitectos –, sino los poetas y los músicos, los filósofos, los retóricos y los oradores, Es decir, los hombres de estado (JAEGER, 1987, p. 14-15).

Essas citações demonstram que, para o filólogo alemão, este conceito encontra-se profundamente imbricado com a ideia de cultura, constituindo o universo simbólico no qual os homens do mundo antigo se inseriam e construíam as suas identidades.

Nessa perspectiva, entendemos o conceito de Paideia: um universo cultural e simbólico da Antiguidade Tardia, partilhado e disputado entre diversos, diferentes e heterogêneos grupos como eram os pagãos, cristãos e os bárbaros.

Nesta oportunidade, reiteramos, nossa análise se deterá na incorporação do elemento ‘bárbaro’ à Paideia romano-helenística, ou seja, ao universo cultural e simbólico do mundo tardo antigo. Esta

questão assume relevância central na medida em que, ao longo da Antiguidade Tardia, as nações ‘bárbaras’ assumem uma posição cada vez maior de preeminência e importância ao progressivamente se amalgamarem com a tradição romana. Processo que, particularmente, se acentua após o assentamento destes povos no território ocidental do Império.

A relação dos povos ‘bárbaros’ com o mundo romano remonta às incursões de cimbrios e teutões no período tardo republicano (BRAVO, 1991, p. 31). A tendência, ao longo dos dois primeiros séculos da história imperial muito em decorrência do estabelecimento do *limes* por Augusto, foi a intensificação do contato entre a civilização romana e a tradição ‘bárbara’ (WHITTAKER, 2000, p. 209-305).

O reinado de Marco Aurélio é um momento importante dessa relação tanto porque este imperador foi obrigado a passar a maior parte do tempo de seu governo combatendo os ‘bárbaros’, especialmente nas fronteiras renana-danubianas, como também, e mesmo principalmente, assentou parte dos povos derrotados, no caso os marcmanos, em território imperial (FRIGHETTO, 2012, p. 48-52). A partir dessa primeira experiência de incorporação dos ‘bárbaros’ no território do Estado romano, o poder imperial passou a utilizar esse mecanismo com objetivos econômicos e militares, principalmente com a integração de contingentes ‘bárbaros’ ao exército (*numeri*) e com distribuição de terras ao longo do *limes* (*foederati*) (WOLFRAM, 1997, p. 35-50).

A situação da relação entre romanos e ‘bárbaros’ se transforma de modo decisivo durante o século III em decorrência da ‘crise’ que marca boa parte desta centúria (DRINKWATER, 2005, p. 28-66). Se até então os soberanos de Roma tinham imposto sem grandes dificuldades, podemos afirmar as condições e os termos da relação com seus vizinhos de fronteira a partir deste momento o debilitamento do prestígio e do poderio das, outrora quase invencíveis, legiões obrigou aos imperadores a aceitarem os termos das tribos ‘bárbaras’ como no caso de Treboniano Galo, forçado a comprar a paz nos *limes*, após a morte de Décio em 351, pagando uma impensável e ignóbil indenização anual aos godos (FRIGHETTO, 2012, p. 76).

No século IV, os assentamentos dos ‘bárbaros’ mediante pactos (*foedera*), no qual estes eram instalados como soldados e colonos (*limitanei*) em terras próximas ao *limes*, institucionalizam-se e multiplicam-se. Maximiano pactua com os francos, já Constâncio Cloro, com um conjunto de tribos germânicas. Graciano domicilia sármatas na seção norte da fronteira renana. Finalmente, Teodósio é

obrigado a ceder territórios na província da Mésia para contingentes godos após o desastre de Adrianópolis (BRAVO, 1991, p. 32).

A política romana em relação aos 'bárbaros', ao longo do século IV, é marcada, portanto, por um estreitamento dos vínculos entre as duas sociedades com destaque para a colaboração de caráter militar que permite, no final dessa centúria, a ascensão ao comando das legiões romanas oriundas das nações 'bárbaras'. A expansão dos liames entre romanos e 'bárbaros' traz consigo transformações que atingem profundamente ambos os elementos dessa 'equação', como afirma Herwig Wolfram:

Barbarian kings, unable to hold on to their Power, switched to the Roman side and became commanders of auxiliary units. They could even rise to become generals for a time, provided they were at the same time kings. Returnees of the highest rank, however, were unable to hang on to their lives let alone become kings. Some were Christian, some Roman pagans (probably of the Neoplatonic variety). One Alamannic king had become a follower of Serapis; another, along with his wife, had converted to Judaism. The Germanic tribal religions along the Rhine and the Danube were in a process of complete dissolution, as were the social structures of the peoples on the periphery of the Roman world (WOLFRAM, 1997, p. 67).

A análise do autor salienta que o estreitamento das relações das nações 'bárbaras' com o Império significa a desestruturação tanto da organização social quanto da religião dos povos da Germânia. Essa desorganização das crenças e práticas religiosas é um importante aspecto da incorporação da tradição 'bárbara' à Paideia romano-helenística ainda mais pela relevância que a devoção e a fé assumiam nessa sociedade (GARCIA MORENO, 1992, p. 97-106).

A massiva penetração dos 'bárbaros' ao longo do século V no território imperial, especialmente em sua porção ocidental, abre uma nova etapa nas relações desses povos com os romanos, na qual a fronteira deixa de ser o *locus* por excelência dessa convivência que passa a acontecer diversas províncias do Estado tardo antigo.

A grande migração acontecida nos primórdios do século V, particularmente, de Vândalos e Ostrogodos, bem como de Suevos, já havia chegado à Península Itálica sob as ordens de Radagaiso em 405, enquanto outro grupamento suevo juntamente com Vândalos e Alanos cruzam o Reno, na altura de Estrasburgo, no final de 406, e após percorrem toda a Gália irão finalmente se assentar no noroeste da Península Ibérica (WOOD, 1998, p. 516-537).

Por seu turno, os Vândalos hasdingos, em 429, depois de cruzarem o estreito de Gibraltar, se assentariam no Norte da África. Enquanto os Visigodos, tendo firmado um *foedus* com o Império, em 418, fazem surgir o primeiro Estado 'bárbaro' em solo romano no Sudoeste das Gálias. Em seguida, Burgúndios, Francos e Ostrogodos também se estabeleceriam no território imperial e constituiriam seus respectivos reinos (WOOD, 1998, p. 516-537).

Os Bárbaros são agora senhores do Ocidente. Que se vai passar? Vão eles impor a sua civilização e fazer desaparecer o rico passado ocidental? Vão eles, pelo contrário, servir-se das instituições romanas e esquecer a sua própria civilização? (RICHE, 1980, p. 82).

As questões postas pelo eminente medievalista Pierre Riché tocam no cerne da discussão a que nos propomos neste artigo. Nossa resposta é clara e inequívoca, se não podemos afirmar que os 'bárbaros' esqueceram completamente sua civilização, assumindo a terminologia de Riché, é também correta a assertiva de que também não impõem a sua tradição à herança romana. Em outras palavras, os 'bárbaros' foram incorporados à Paideia romano-helenística. Esse dramático processo significou a assimilação da tradição 'bárbara' ao universo cultural e simbólico tardo antigo que foi, por sua vez, reconfigurado a partir da inclusão dos povos do norte.

Um passeio pelos bosques da Germânia: reflexões sobre um debate historiográfico

O problema da relação entre romanos e germanos na Antiguidade Tardia é uma das questões mais polêmicas e controversas do campo historiográfico e, portanto, não podemos avançar em nossa análise sem fazer uma referência mais detida a esta discussão.

As interpretações acerca da questão 'bárbara' demonstram a atitude dúbia, para dizer o mínimo, da historiografia ocidental diante do problema. Essa dubiedade mostra-se no discurso que ora valoriza o aspecto selvagem e destruidor da civilização dos 'bárbaros' ora a fascinação exercida por este grupo.

No primeiro sentido se estabelece uma ligação entre o fim do Império Romano do Ocidente e a chegada dos bárbaros, ambos os processos entendidos de forma negativa, pois significaram o fim da civilização e o início de tempos obscuros. Por outro lado, especialmente aos historiadores alemães, tais acontecimentos são compreendidos numa dimensão heroica. De qualquer forma, ambas as perspectivas concordam com a ligação entre a chegada dos 'bárbaros' e a queda do Império Romano (HALSALL, 2007, p. 11).

Como afirma Michel de Certeau, em *A Escrita da História*, o conhecimento histórico é produzido de um lugar social (CERTEAU, 1982, p. 66), assim podemos compreender que essas perspectivas sobre os ‘bárbaros’ encontrem-se profundamente relacionadas às circunstâncias políticas e sociais nas quais foram produzidas. Não devemos esquecer que muitas tradições historiográficas arrancam a história da nação exatamente no momento em que os ‘bárbaros’ se assentam no território imperial tardo romano (GEARY, 2005, p. 21-55).

É o caso de parte da historiografia francesa que busca as origens da França nos francos, justificando desse modo certa ordem social e determinadas estruturas políticas (JAMES, 1988, p. 240). Podemos atribuir processo semelhante aos historiadores ingleses que associam as ideias democráticas que fundamentariam a sua sociedade na tradição ‘bárbara’ (HEATHER, 2010, p. 33). No entanto, é no conhecimento histórico produzido em língua alemã que a questão se revela mais pungente.

O conceito de ‘migrações bárbaras’ (*Völkerwanderung*), surgido no século XVI e retomado fortemente nos oitocentos, sustenta a ideia de que todos os germanos partilham a mesma origem e de que deviam buscar a unificação. Séculos de rivalidades políticas entre Bávaros, Saxões, Prussianos são contrapostos pelo argumento de que todos os germanos são fundamental e essencialmente iguais (HALSALL, 2007, p. 13). Essa unidade não é simplesmente conferida por um elemento racial, mas sustentada por um *ethos* e pelos costumes comuns como consta nas fontes clássicas, como a já citada *Germânia* de Tácito, mas também na *História* de Cassiodoro e na *Gettica* de Jordanès.

Os historiadores alemães do século XIX assumem uma visão heroica das migrações bárbaras afirmando que estas instituem uma nova ordem social que substitui a sociedade clássica. A Idade Média é vista e concebida como uma criação germânica fazendo com que autores eminentemente ligados à tradição clássica, como Cassiodoro, Venancio Fortunato e Gregório de Tours, sejam apropriados pela tradição germânica e tenham suas obras publicadas na *Monumenta Germaniae Historica* (KNOWLES, 1963, p. 65-97).

No século XX, a partir de concepções surgidas e desenvolvidas na centúria anterior, os ‘bárbaros’ desempenham um papel central na ideologia nacional-socialista (GEARY, 2005, p. 27-55). Esta rejeita as ideias que ligam a tradição germânica a uma proto-democracia e insiste numa abordagem que privilegia os elementos marciais que estruturam a sociedade ‘bárbara’, especialmente os laços que ligam os guerreiros aos líderes militares.

Após a queda do III Reich, a revisão dessa perspectiva analítica evidentemente se impõe. É nesse contexto revisionista que Reinhard Wenskus desenvolve sua teoria por meio da qual as migrações bárbaras não são entendidas como movimentos gerais de um povo, mas andanças de bandos de nobres que são os guardiões das tradições (*traditionkern*) do grupo. O sucesso militar de um grupo de guerreiros atrai outros homens que se juntam ao grupamento inicial. Esse conjunto de guerreiros estabelece sua identidade a partir de núcleo de tradições que permitem o surgimento de uma etnia (WENKUS, 1961). Esse processo foi denominado *etnogêneses* por estudiosos soviéticos, tais como Bromlej. No entanto, não podemos deixar de notar que a perspectiva de Reinhard Wenskus guarda forte relação com as concepções nazistas especialmente no que concerne à ênfase nas relações estabelecidas entre os membros grupo de guerreiros, bem como seu foco na liderança aristocrática do processo.

A perspectiva de Wenskus foi retomada e desenvolvida por Herwig Wolfram, professor do Instituto Austríaco de Pesquisa Histórica. Sua principal contribuição é a ideia de que as lendas germânicas identificadas na Antiguidade Tardia nos informam acerca das transformações sociais e políticas do passado distante dos povos germânicos. Nesse esquema interpretativo, a cronologia da nomenclatura e do desenvolvimento religiosos dos grupos bárbaros se associa as suas transformações sociais.

Por outro lado, Wolfram observa que os povos germânicos também se encontram ligados ao Império Romano. Uma abordagem que privilegia os aspectos constitucionais e legais aponta a dependência do arcabouço jurídico dos reinos Bárbaros da legislação imperial, especialmente no que tange à figura e à relação com o imperador (WOLFRAM, 1997).

A obra de Wolfram influenciou significativo grupo de estudiosos que passou a ser denominado *Escola de Viena*. Um dos principais representantes desse grupo é Walter Pohl que estudou o processo de *etnogêneses* de diversos grupos, tais como os Avaros, os Lombardos, além de estender esse modelo de análise para os chamados povos das estepes. A perspectiva de Pohl parte das ideias de Wenskus e Wolfram, mas incorpora elementos advindos do *linguistic turn*. Em suas análises, Pohl busca compreender quais elementos são relacionados com seus respectivos objetivos na construção de uma etnia. O autor também se debruça para entender como são criados, por um processo de seleção, dentro de um leque de possibilidades, os fatores, os signos de distinção de um grupo (POHL, 1997).

A perspectiva de Walter Pohl encontrou muitos adeptos na historiografia de língua inglesa, tanto norte-americana quanto britânica. Um desses pesquisadores é Ian Wood, professor da Universidade de Leeds. Seu trabalho está centrado numa leitura crítica das fontes literárias do período para demonstrar a importância do contexto e dos interesses dos respectivos autores na perspectiva apresentada nas obras, tal perspectiva permite uma visão diferenciada do processo de interação entre romanos e bárbaros na Antiguidade Tardia (WOOD, 1994).

Já nos Estados Unidos, a obra de Patrick Geary, *Before France and Germany. The creation and transformation of the merovingian world*, profundamente influenciada pela Escola de Viena, analisa como os recém-chegados francos aliados à aristocracia romana progressivamente assumiram a hegemonia do reino merovíngio (GEARY, 1988). Além de defender, em um artigo (*Ethnic identity as a situational construct in the early Middle Ages*) publicado na *Mitteilugen der Antropologischen Gesellschaft in Wien*, uma abordagem de caráter relacional para compreender o problema da construção étnica dos germanos (GEARY, 1983, p. 15-26).

Numa perspectiva que critica fortemente a preeminência do elemento germânico nos estudos acerca da questão bárbara, situa-se a obra de Walter Goffart. No devastador primeiro capítulo de *Barbarians and Romans A.D. 418-584. The techniques of accommodation*, o pesquisador argumenta que entre os autores bárbaros não podemos encontrar nenhum *ethos* unificador nem um senso de identidade compartilhada. Goffart e seus colegas da Universidade de Toronto criticam duramente os fundamentos da Escola de Viena, especialmente o conceito de etnogêneses (GOFFART, 1980).

Radicalizando a perspectiva de Goffart, Patrick Amory (*People and identity in Ostrogothic Italy 489-554*) afirma que a etnicidade bárbara é uma identidade construída ou mesmo adotada pelos povos germanos no contexto da queda do Império Romano. Nesse sentido, os bárbaros compartilham com o restante da população romana papéis, identidades, já presentes naquela sociedade tais como a de bispo, soldado ou burocrata. Assim, a abordagem etnográfica clássica acerca do bárbaro é implodida e a contribuição germânica para a cultura e a sociedade do mundo pós-romano é significativamente diminuída ou mesmo desaparece (AMORY, 1997).

A escrita da história na Antiguidade Tardia

Após esse passeio, necessário pelas discussões historiográficas acerca das relações entre romanos e 'bárbaros', voltamos nossa atenção para a forma que assumiu a escrita da história durante a Antiguidade Tardia, uma vez que o conhecimento histórico nesse momento, ainda que herdeiro da tradição historiográfica surgida na Grécia clássica com Herodoto e Tucídides e, portanto, inserido e ativo participante da Paideia romano-helenística, precisa fazer frente a cruciais desafios, como a inserção da cultura 'bárbara' em seu horizonte de preocupação, e principalmente coloca a questão de construção de uma memória 'bárbara' dentro dos parâmetros do universo cultural e simbólico tardo antigo.

A escrita da história durante a Antiguidade Tardia teve que se adaptar à realidade surgida após as graves transformações ocorridas no mundo romano, como já afirmamos, a partir do século II e aceleradas e potencializadas na época da 'crise' que observamos no século III. Os reptos enfrentados pelos historiadores tardo antigos são colossais. O primeiro deles, talvez o mais provocador e urgente, é a assimilação à Paideia romano-helenística, por meio da construção da memória, de diversas tradições culturais que até então se situavam numa posição dependente e subordinada, mas que, em decorrência das mudanças que marcam esse momento, assumem destaque e relevância.

Estamos nos referindo às manifestações das heranças regionais e locais que emergem com a ascensão das novas elites dirigentes. Os homens novos, oriundos das fileiras do exército, das províncias menos romanizadas como a Trácia ou a Dalmácia de onde vem Diocleciano, por exemplo, estavam ascendendo socialmente, adquirindo riqueza e poder e, por isso, precisavam possuir algum conhecimento do glorioso passado romano. Por outro lado, esse grupo social estava se integrando e se fundindo com a aristocracia tradicional romana para a qual o conhecimento da história e das antiguidades romanas era um componente essencial da sua formação e da sua identidade. Para responder a esse desafio, os historiadores tardo antigos elaboraram os *breviaria*, isto é, uma obra de recompilação de fatos e datas históricos de pequenas dimensões. A obra sobre a história romana de Eutropio, por exemplo, possuía 77 páginas, enquanto a de Festo apenas 20 (WOODS, 2009, p. 357-371).

Referimo-nos ao crescimento da influência e do poder dos grupos cristãos e da Igreja com seu conjunto de especialistas eclesiásticos que irão lutar com o escol pagão pelo controle da Paideia romano-

helenística. Um dos campos dessa disputa é a escrita da história nas palavras do célebre historiador italiano, Arnaldo Momigliano:

La revolución del siglo IV, que trajo consigo una nueva historiografía [...] En general los cristianos emprenden su escritura creativa antes que los paganos. Los cristianos atacan. Los paganos están a la defensiva (MOMIGLIANO, 1993, p. 96-97).

Estamos nos referindo, finalmente, ao assentamento de milhares de ‘bárbaros’ dentro do território romano e a posterior constituição dos reinos romano-bárbaros que implicará na construção de uma memória para esses estados nascentes que façam concluir o duplo legado a partir dos quais essas sociedades se estruturam. Esforço e tarefa empreendida pelos dois autores que estamos analisando, Gregório de Tours e Jordanès.

Para fazer frente a esses desafios, os historiadores do tardo antigo construíram uma escrita da história. O primeiro elemento que gostaríamos de destacar dessa escrita concerne ao caráter retórico do discurso histórico, ou seja, escrever história no mundo antigo era produzir um discurso persuasivo capaz de convencer a audiência, o público. No seu livro *Authority and tradition in ancient historiography*, John Marincola afirma que os historiadores do período clássico tinham que convencer seus leitores dos méritos da sua obra mediante a apresentação desta (MARINCOLA, 1997).

Na Antiguidade Tardia, os historiadores continuam a ter que demonstrar aos seus leitores o valor e a confiabilidade de suas obras. O método mais tradicional era convencer o público da importância e da grandeza das ações que iriam ser tratadas no texto. Podemos citar como exemplo a seguinte passagem de Procópio de Cesaréia, historiador do VI século:

Pero ahora que me encamino a otra empresa, en cierto modo ardua y terriblemente difícil de superar, la de las vidas de Justianiano y Teodora, resulta que me encuentro temblando y me echo atrás en buena medida cuando considero que esto habré de escribir en este momento pueda increíble o inverosímil a las futuras generaciones; especialmente, cuando el tiempo, en su largo flujo, haya avejentado mi relato, temo cosechar la reputación de un mitógrafo y ser incluido entre los poetas trágicos (PROCOPIO DE CESAREIA, 2000, p. 3).

Nas palavras de Procópio, encontramos ecos de Tucídides:

O ateniense Tucídides escreveu a história da guerra entre os peloponésios e os atenienses, começando desde os primeiros sinais, na expectativa de que ela seria grande e mais importante que todas as anteriores, pois via que ambas as partes estavam preparadas em todos os sentidos; além disso, observava os demais helenos aderindo a um lado ou ao outro, uns imediatamente, os restantes pensando em fazê-lo. Com efeito, tratava-se do maior movimento jamais realizado pelos helenos, estendendo-se também a alguns povos bárbaros – a bem dizer a maior parte da humanidade (TUCÍDIDES, 1982, p. 19).

Um segundo elemento característico da escrita da história na Antiguidade Tardia e que também remonta a uma tradição histórica clássica é a preservação da memória. Em outras palavras, o discurso histórico se vincula claramente a lembranças de determinados feitos e atos considerados gloriosos e, por isso, digno de recordação, que necessitam ser salvos do esquecimento como podemos perceber logo no início da *História Eclesiástica* de Theodoretto:

Quando os artistas pintam em painéis e nas paredes dos acontecimentos da história antiga, que tanto encantam os olhos, o fazem para manter brilhante, por muitos anos, na memória o passado. Os historiadores substituem painéis por livros, pigmentos pela descrição brilhante, e, assim, tornam a memória de eventos passados, tanto mais forte e permanente, pois a arte do pintor é arruinada pelo tempo. Por esta razão, eu também devo tentar gravar por escrito acontecimentos da história eclesiástica até aqui omitidos, considerando não ser correto olhar em frente enquanto o esquecimento rouba nobres feitos e histórias úteis de sua devida fama (THEODORETO, 2010, p. 5).

Essa preocupação, ou melhor, essa função da escrita da história como guardiã da memória data dos primórdios do discurso histórico basta lembrar as palavras iniciais da obra de Heródoto:

Ao escrever sua história, Heródoto de Halicarnasso teve em mira evitar que os vestígios das ações praticadas pelos homens se apagassem com o tempo e que as grandes e maravilhosas explorações dos Gregos, assim como as dos Bárbaros, permanecessem ignoradas... (HERÓDOTO, 1997, p. 43).

Desta forma, podemos afirmar que a escrita da história tardo antiga demonstra ser herdeira da tradição historiográfica clássica, em outras palavras, escrever história na Antiguidade Tardia significava se inserir na Paideia.

O que devemos fazer agora é discutir se encontramos a mesma situação quando analisamos a escrita da história realizada no âmbito dos reinos

bárbaros. Para tanto, escolhemos analisar a obra de dois autores – Gregório de Tours e Jordanès.

Gregório de Tours e Jordanès: dois historiadores 'bárbaros'?

Começamos por apresentar os dois autores escolhidos para a nossa análise, alertando que esta exposição, infelizmente, não poderá ser simétrica, uma vez que dispomos de conjunto muito maior de informações sobre o historiador dos francos do que sobre o cronista dos godos.

Gregório de Tours é um exemplo típico do bispo nas Gálias do século VI. Advinha de um grupo de famílias aristocráticas com amplas e fortes ligações com a hierarquia eclesiástica e que havia ajudado a construir essa realidade social nos domínios merovíngios.

Georgius Florentius Gregorius, mais conhecido como Gregório de Tours, nasceu em 538 no seio de uma rica família galo-romana na Auvernia. Seus pais, Florêncio e Armentaria, tinham origens em poderosas famílias senatoriais estreitamente ligadas aos episcopados de Clermont e Langres, respectivamente.

O avô de Armentaria, de nome Tetricio, foi bispo de Langres (572), como também o bisavô, chamado Gregório, como seu descendente mais famoso, também foi bispo de Langres (539), finalmente o tio da mãe de Gregório de Tours, Nicecio, foi bispo de Lyon (573).

Por outro lado, a família do pai tinha um tio que era presbítero em Clermont e seu irmão, Galo, era bispo deste episcopado. O irmão de Gregório era também presbítero em Clermont. A família de Gregório de Tours buscou estabelecer vínculos de parentesco e descendência com santos galo-romanos. O próprio Gregório afirma que Vettio Epagato, martirizado em Lyon no ano de 177, era antepassado por linha paterna.

A cronologia da infância do nosso autor é confusa e incerta. Seu pai teria em torno de 40 anos quando Gregório nasceu e provavelmente morreu durante os primeiros anos de vida deste. Sua mãe decide, então, residir na região da Borgonha, onde possui propriedades, porém Gregório foi enviado para junto de seu tio paterno, Galo, na cidade Clermont para realizar sua educação. Após a morte deste tio (551), sua formação fica a cargo de Avito, que assume o bispado de Clermont. Alguns anos depois, Gregório vai viver algum tempo com seu tio materno, Nicecio, em Lyon, onde é ordenado diácono em 563.

A ordenação de Gregório como bispo de Tours aconteceu no dia 20 de agosto de 573 e não de modo algum um acontecimento inesperado. Todos seus

predecessores, com exceção de apenas cinco bispos, como o nosso autor testemunha, procediam de sua família, e seu antecessor imediato, Eufrônio, era primo de sua mãe.

Venâncio Fortunato revela que Gregório foi nomeado bispo pelo rei Sigeberto I (561-575), sendo consagrado em Reims pelo bispo Egídio. Sendo o relato de Venâncio Fortunato correto, e não temos motivos para duvidar a essência das informações, significa que Gregório foi imposto como bispo de Tours, possivelmente contra a vontade da população e do clero local, o que explicaria as diversas tentativas de depor o nosso autor da dignidade episcopal. No entanto, Gregório manteve-se como bispo de Tours até sua morte ocorrida em 594 (ROUCHE, 1996).

O bispado de Tours, no século VI, possuía grande importância política e religiosa, por isso mantinha uma relação estreita e frequente não somente com as cortes reais merovíngias, como também com os grandes dos reinos. A importância de Tours advinha tanto de sua posição estratégica na fronteira entre os reinos merovíngios quanto e, principalmente, por ser onde estava localizada a tumba de Martinho de Tours, o que fazia da cidade o mais importante centro de peregrinação da Gália. Tal situação empurrou Gregório para o centro das lutas políticas dos reinos francos.

Além de suas atividades episcopais e políticas, Gregório foi um autor prolífico. Chegaram até nós sete obras comprovadamente do nosso autor e outras três cuja autoria é duvidosa.

A mais renomada e importante das produções bibliográficas de Gregório é a denominada *Decem libris historiarum* que ficou conhecida como *Historia Francorum*. Gregório começa a escrever sua história poucos anos depois de assumir o bispado de Tours e somente a completa no ano de sua morte, em 594. A cronologia da redação é a seguinte: Livros I a IV: 576-580; Livros V: 580; Livro VI: 584-585; Livro VII: 585-586; Livro VIII: 587; Livro IX: 587-590 e Livro X: 591-594 (BERARDINO, 2002).

A obra narra as vicissitudes do mundo desde as origens deste até o tempo em que o autor vive. A composição da obra encontra-se visivelmente influenciada, em termos de concepção de história, pelas Crônicas de Eusébio e de Jerônimo como também pelas *Histórias* de Paulo Orósio. Apesar de narrar os acontecimentos em ordem cronológica, o *Decem libris historiarum* não se constitui numa crônica, na medida em que comenta e oferece vivaces descrições dos acontecimentos que considera importantes, algo incompatível com o gênero cronístico, neste sentido, a obra de Gregório se aproxima mais da perspectiva orosiana.

As fontes utilizadas por Gregório na composição da *Historia Francorum* são bastante variadas. Os dois primeiros livros estão baseados, principalmente, no Antigo e no Novo Testamento, nas crônicas de Eusébio e de Jerônimo, na *Historia adversus paganos* de Paulo Orósio e na *Historiæ sacræ* de Sulpício Severo. Enquanto os livros restantes são construídos com relatos orais, documentos de arquivo e a própria experiência do autor.

O *Decem libris historiarum* apresenta uma importância vital para o conhecimento da Gália merovíngia, na medida em que é a única obra histórica, em parte contemporânea, que relata os acontecimentos entre o desaparecimento da autoridade romana até o final do século VI. Portanto, a única fonte literária para uma série de eventos do período.

Quanto às informações sobre Jordanès, temos que nos contentar em aceitar, ainda que criticamente, o que ele mesmo diz de si, principalmente no *De Origine actibusque Getarum* (JORDANÈS, 1995a, p. 266).

Nosso autor afirma que seu avô, Paria, havia sido *notarius* de Candac até a morte deste, e que ele próprio também havia servido como *notarius* ao sobrinho de Candac, um indivíduo de nome Gunthigis, descendente da linhagem dos Amalos e que tinha ascendido à condição de *magister militum* do Império. Jordanès finda essa sua descrição afirmando que nesse período ainda era um inculto (*agramatus*) e não tinha se convertido. Não é possível determinar com exatidão os anos que o autor da *Gettica* esteve dedicado ao serviço de *notarius*, mas provavelmente isso aconteceu nas duas primeiras décadas do século VI (JONES, 1971, p. 1292).

Devemos observar que a entrada de Jordanès para o serviço de Gunthigis se explica pelas relações já existentes entre as famílias. Por outro lado, a família do *magister militum* fazia parte da liderança de um grupo de ‘bárbaros’ assentados na região da baixa Mesia e Escítia. A familiaridade do nosso autor com a região se explicaria, portanto, pelo fato de ter crescido nela, como também ter desenvolvido suas atividades profissionais nesse território. Deste modo, indireto e hipotético, teríamos o local, senão de nascimento, pelo menos de seu crescimento e algumas informações sobre a condição social de sua família.

Aceitando a hipótese de que Jordanès tenha crescido na região da Mesia e Escítia, ele provavelmente aprendeu tanto o latim, em função de suas atividades profissionais junto ao exército romano, quanto o grego, necessário para a vida cível naquela região do Império. Assim como o *notarius* do *magister militum* possivelmente o obrigou a conhecer

a língua gótica de grande parte dos soldados. É possível que Jordanès fosse ele mesmo de origem ‘bárbara’:

Ninguém quis favorecer as nações das quais falei, como se ao meditar acerca da minha própria origem, tivesse acrescentado algo que não tenha lido ou averiguado (JORDANÈS, 1995a, p. 316)².

Nosso autor afirma que, durante seu período de serviço como *notarius*, experimenta um tipo de conversão (*conversio*). Muito se tem especulado acerca do significado desse fato, porém, é impossível certeza absoluta. A hipótese que consideramos mais plausível é que essa *conversio* indicaria uma opção por algum tipo de vida religiosa, não necessariamente uma antelação de cunho monástico (CROCE, 2003, p. 369).

Após deixar o serviço de Gunthigis, possivelmente por ter renunciado ao seu cargo, Jordanès dirige-se para Constantinopla, em algum momento durante o reinado de Anastácio I (491-518). Na capital do Império, nosso autor desenvolve e reforça suas concepções acerca da escrita da história (AMORY, 1997, p. 291-307).

De Origine actibusque Getarum é uma obra da maturidade de Jordanès tendo sido redigida por volta de 551, portanto, muitos anos depois da sua experiência como *notarius*. O texto é cercado de polêmicas (CROCE, 2003, p. 373). O objetivo principal da obra é narrar as origens dos godos, bem como a sua relação com os romanos. O trabalho inicia-se com uma descrição geográfica das localidades de onde seus protagonistas se originaram e do processo que acarreta a divisão, em decorrência da pressão exercida pelos Hunos, dos godos em duas facções, Ostrogodos e Visigodos.

A perspectiva histórica da narrativa de Jordanès está firmemente ancorada tanto nos modelos de escrita da história ligados à Paideia romano-helenista, quanto no ideário político implantado pela Reconquista de Justiniano:

Até aqui fizemos a origem dos Godos e dos feitos dos valentes e nobres homens da linhagem dos Amalos. Esta raça digna de todos os elogios foi vencida por um príncipe digno de maiores elogios ainda, capitulou diante de um general cuja a bravura não será esquecida por nenhuma geração, foram seus vencedores o Imperador Justiniano e o cônsul Belisário que passou a receber os epítetos de Vandaló, Africano e Godo (JORDANÈS, 1995a, p. 315)³.

²*Nec me quis in favorem gentis praedictae, quasi ex ipsa trahenti originem, aliqua addidisse credat, quam quae legi et comperi.*

³*Haec hucusque Getarum origo ac Amalorum nobilitas et virorum fortium facta. Haec laudanda progenies laudabiliori principi cessit et fortiori duci manus dedit,*

Jordanès valoriza e enaltece as qualidades dos godos, mas está convicto de que, apesar de seu valor, eles serão conquistados por Justiniano, pela força das legiões comandada por Belisário, sendo incorporados ao Império Romano e principalmente ao seu universo cultural e simbólico, ou seja, à Paideia romano-helenística. Nosso autor busca lançar, de forma bastante otimista, as bases da união entre a Romania e a Gettica, ainda que esta proposta se constitua muito mais como um elemento de propaganda imperial do que de um projeto factível (GOFFART, 1988, p. 73-79).

Retórica e memória na escrita da História de Gregório de Tours e de Jordanès

Apresentados nossos autores e suas respectivas obras, passemos às considerações acerca das questões que permeiam até aqui nossa exposição, agora tendo como foco analítico o *Decem Libris Historiarum* de Gregório de Tours e o *De Origine actibusque Getarum* de Jordanès.

Ambos os textos foram produzidos na segunda metade do século VI, quando a escrita da história encontra-se profundamente influenciada pelas interpretações e modelos desenvolvidos pelos intelectuais cristãos, especialmente Eusébio de Cesaréia e Agostinho de Hipona. Entretanto, no momento em que Gregório de Tours e Jordanès escreveram suas obras, as dicotomias nas quais os textos eusebiano e agostiniano estão fortemente ancoradas, como Igreja e Estado, sagrado e profano, romano e 'bárbaro', haviam sido minimizadas com uma maior integração entre esses elementos (CROCE, 2003, p. 350).

A realidade do século VI com a fragmentação do poder imperial devido à constituição dos Reinos Romano-Bárbaros, com a consolidação da expansão da religião cristã sob a hegemonia da Igreja e com a integração do elemento bárbaro na sociedade tardo antiga, estabelece a possibilidade da configuração de novos ângulos para a história romana, bem como para sua continuidade e destino.

Gregório de Tours e Jordanès, na escrita de suas histórias, forcejaram fazer frente a essa situação, para tanto, construíram suas obras claramente alicerçadas nos parâmetros da Paideia romano-helenística, que serve, então, de instrumental simbólico para a superação dos novos desafios impostos por aqueles tempos.

Destacamos como um dos aspectos mais fundamentais da escrita da história a utilização dos procedimentos distintivos da retórica, portanto, é discutindo este elemento que começaremos nossa

análise do *Decem Libris Historiarum* de Gregório de Tours e do *De Origine actibusque Getarum* de Jordanès.

Logo no prólogo de sua obra, o bispo de Tours apresenta o seu arsenal de estratégias retóricas:

O culto das belas letras esta decadente e mesmo morto das cidades das Gálias, enquanto as boas e as más ações dos homens ocorrem, a barbárie dos povos se desencadeia, a violência dos reis redobra, as igrejas são atacadas pelos hereges e protegidas pelos católicos, que a fé em Cristo é ardente em alguns e mais tépida em outros, que a igreja é enriquecida pelos devotos e despojada pelos infieis não se encontra nenhum gramático perito na arte da dialética para narrar em prosa ou em verso metrificado tudo isso que acontece. Frequentemente muitos lamentam afirmando: 'Poderia haver em nossa época, na qual o estudo das letras esta morto, alguém capaz de registrar pro escrito os acontecimentos presentes'. Como não cessava de ouvir tais reflexões e outras semelhantes resolvi que para que a lembrança do passado deveria ser conservada mesmo que para isso este conhecimento chegasse aos homens de forma grosseira. Eu não poderia silenciar sobre os conflitos dos ímpios nem sobre aqueles que vivem de forma honesta. Estimulado, especialmente, por muitas vezes ouvir, para minha surpresa, entre os que me cercam que 'o orador ou o filósofo não é aquele que é compreendido por poucos, mas aquele que fala de forma vulgar para o entendimento de muitos'. Quanto ao cálculo decide tomar o começo do mundo como ponto de partida do livro como indiquei nos capítulos (GREGORII EPISCOPI TURONENSIS, 1951, p. 1-4, grifo do autor)⁴.

Podemos concordar com o bispo de Tours que ele apresenta lacunas em sua formação nos moldes da *Paideia*, e mesmo que o uso que faz do latim apresenta certas imperfeições. Porém, no que nos interessa mais diretamente, ou seja, os instrumentos retóricos utilizados na composição de seu relato, Gregório demonstra conhecer perfeitamente as normas da retórica vigentes no período.

Ao iniciar seu exórdio deplorando as condições dos estudos e, principalmente, apontando as supostas imperfeições da obra, Gregório busca

⁴*Decedente atque immo potius pereunte ab urbibus Gallicanis liberalium cultura litterarum, cum nonnullae res gererentur vel rectae vel inprobae, ac feretas gentium desaeviret, regum furor acueretur, ecclesiae impugnantur ab hereticis, a catholicis tegerentur, ferveret Christi fides in plurimis, tepisceret in nonnullis, ipsae quoque ecclesiae vel ditarentur a devotis vel nudarentur a perfides, nec repperire possit quisquam peritus dialectica in arte grammaticus, qui haec aut stilo prosaico aut metrico depingeret versu: ingemescebant saepius plerique, dicentes: 'Vae diebus nostris, quia perit studium litterarum a nobis, nec reperitur rethor in populis, qui gesta praesentia promulgare possit in paginis.' 'Ista etenim atque et his similia lugiter intuens dici, pro commemoratione praeteritorum, ut notitiam adtingerint venientum, etsi incultu effatu, nequivi tamen obtegere vel certamina flagitiosorum vel vitam recte viventium; et praesertim his inlicitus stimulus, quod a nostris fari plerumque miratus sum, quia: 'Philosophantem rethorem intellegunt pauci, loquentem rusticum multi.' Libuit etiam animo, ut pro suppotatione annorum ab ipso mundi principio libri primi poniretur initium, cuius capitula deorsum subieci.*

cuius fama nullis saeculis nullisque silebitur aetatibus, sed victor ac triumphator Iustinianus imperator et consul Belesarius Vandalici Africani Geticique dicentur.

cumprir a função, eminentemente fática, desta parte do seu discurso, qual seja tornar o público da obra dócil, atendo e benevolente por meio principalmente da desvalorização, pela diminuição do valor do texto.

Encontramos a mesma estratégia retórica na obra de Jordanès que também inicia seu texto enfatizando as suas deficiências, especialmente, quando comparado com a grande eloquência de Cassiodoro, cuja obra lhe serve de inspiração. Porém, tendo recebido o pedido de narrar a história dos godos, não se furta a realizar o trabalho mesmo sabedor das enormes dificuldades para levar a cabo a missão:

Eu queria simplesmente navegar com um pequeno barco ao largo de uma costa tranquila pescando pequenos peixes nas águas dos antigos. No entanto, tu irmão Castalius, tu me fez lançar velas em direção ao alto mar, e me persuadiu a abandonar o opúsculo que estava redigindo, um breviário de Crônicas, para resumir com as minhas próprias palavras em uma pequena obra os doze volumes que o Senador [Cassiodoro] escreveu sobre a origem e a história dos Godos desde a Antiguidade até os nossos tempos, descrevendo a sucessão das gerações e dos reis. Esta ordem é muito difícil de ser cumprida e de ser imposta a qualquer que conheça o seu peso! Embora tu não percebas me falta de fôlego diante de uma eloquência tão magnífica. À todas essas dificuldade se junta o fato de que o acesso aos livros não ocorre nas condições em que eu possa me escravizar aos seus pensamentos, somente tive três dias, graças a benevolência do mordomo do autor, para reler os livros. Assim não irei reproduzir as palavras, mas conservar, sem distorcer, o sentido geral do relato e os eventos narrados por isso adicionei, quando conveniente, empréstimos de historiadores gregos e latinos. O início e o fim são de minha própria, assim como numerosas páginas ao longo do corpo do livro. Receba com boa graça este livro que tu existes de mim sem meu ter ofendido. Faltando alguma informação, que tu possuas por ser vizinho da nação goda, acrescentas, orando por mim, caríssimo irmão. O Senhor esteja convosco. Amem⁵ (JORDANÈS, 1995b, p. 1-3).

Outro importante recurso retórico utilizado amplamente pelos autores em análise é a busca de alicerçar a legitimidade das informações presentes

⁵ *Volentem me parvo subvectum navigio oram tranquillì litoris stringere et minutos de priscorum, ut quidam ait, stagnis pisciculos legere, in altum, frater Castali, laxari vela compellis relictoque opusculo, quod intra manus habeo, id est, de abbreviatione chronicorum, suades, ut nostris verbis duodecem Senatoris volumina de origine actusque Getarum ab olim et usque nunc per generationes regesque descendentem in uno et hoc parvo libello choartem: dura satis imperia et tamquam ab eo, qui pondus operis huius scire nollit, inposita. Nec illud aspicias, quod tenuis mihi est spiritus ad inplendam eius tam magnificam dicendi tubam: super omne autem pondus, quod nec facultas eorumdem librorum nobis datur, quatenus eius sensul inserviamus, sed, ut non mentiar, ad triduanam lectionem dispensatoris eius beneficio libros ipsos antehac relegi. Quorum quamvis verba non recolo, sensus tamen et res actas credo me integre retinere. Ad quos et ex nonnullis historiis Grecis ac Latinis addedi convenientia, initium finemque et plura in medio mea dictione permiscens. Quare sine contumelia quod exististi suscipe libens, libentissime lege; et si quid parum dictum est et tu, ut vicinus genti, commemoras, adde, orans pro me, frater carissime. Dominus tecum. Amen.*

em suas respectivas obras numa tradição firmemente estabelecida e reconhecida como verdadeira e, desse modo, sustentar a autenticidade de seus escritos. Jordanès encontra no historiador hispano Paulo Orósio as origens geográficas dos povos godos: “Nosso antecessores, como Orósio, relacionam todas as terras, circundadas pelo Oceano, dividindo-as em três partes Ásia, Europa e África”⁶ (JORDANÈS, 1995a, I, 4). Já Gregório de Tours assume a cronologia do mundo advinda de uma longa tradição:

Quanto a cronologia deste mundo, as Crônicas de Eusébio, bispo de Cesaréia e de Jerônimo a expõe claramente e apresentam uma cálculo de todas as séries de anos. Orósio, que fez uma investigação diligentes dos fatos, reuniu em um volume a cronologia completa depois da criação do mundo até seu tempo. Victorius realizou o mesmo em relação a data da Páscoa. Seguindo os exemplos desses memoráveis autores nos propomos, com a ajuda do Senhor, calcular os anos entre a Criação e o nossos tempo. Mais facilmente completaremos nossa tarefa se começarmos com o próprio Adão (GREGORII EPISCOPI TURONENSIS, 1951, p. 7-8)⁷.

É importante notar que as autoridades empregadas tanto por Gregório de Tours quanto por Jordanès são intelectuais cristãos, algo que aponta para o avanço do processo de apropriação pelo escol eclesiástico da Paideia romano-helenística.

Apesar da importância dos elementos retóricos na escrita da história ao longo da Antiguidade Tardia e, mais especificamente, nas obras em análise, como demonstramos acima, as estratégias narrativas são, a rigor, instrumentos para os autores atingirem seus objetivos. O principal deles, em nosso entendimento, é a construção tanto para os francos quanto para os godos de uma memória nos moldes e padrões estabelecidos pela Paideia romano-helenística.

Gregório de Tours define claramente sua missão de construtor de memória no prólogo de sua obra:

Antes de descrever as lutas dos reis contra as nações adversárias, dos mártires contra os pagãos, das igrejas contras os hereges, desejo confessar minha para que exista dúvidas que sou católico. Quero indicar claramente, para aqueles que se desesperam com a

⁶ *Maiores nostri, ut refert Orosius, totius terrae circum Oceanum limbo circumseptum triquadrum statuerunt eiusque tres partes Asiam, Eoropam et Africam vocaverunt.*

⁷ *De supputatione vero huius mundi evidenter Chronicae Eusebii Caesariensis episcopi Hieronymi presbyteri proloquuntur et rationem de omnium annorum serie pandunt. Nam et Orosius diligentis sime haec inquirens, omnem numerum annorum ab initio mundi usque ad suum tempus in unum collegit. Hoc etiam et Victorius, cum ordinem Paschalis solemnitate inquireret, fecit. Ergo et nos scriptorum supra memoratorum exemplaria sequentes, cupimus a primi hominis conditione, si Dominus dignabitur suum commodare auxilium, usque ad nostrum tempus cunctam annorum congeriem computare. Quod facilius adimolebimus, si ab ipso Adam sumamus exordium.*

aproximação do fim do mundo, os anos que se passaram desde se começou a recolher em crônicas e histórias os fatos acontecidos. Porém inicialmente peço perdão aos leitores se nestas letras e sílabas transgredi as regras da arte da gramática que não possuo plenamente. Minha única preocupação é manter meu coração sem nenhuma alteração e hesitação sob as ordens da igreja, pois sei que aquele que é peccador pode obter o perdão de Deus e mantiver a pureza da sua fé (GREGORII EPISCOPI TURONENSIS, 1951, p. 5)⁸.

O lugar de fala, o local de onde o bispo de Tours produz a sua obra é assim definido de forma cristalina, qual seja o autor do *Decem Libri Historiarum* constrói a memória dos francos, intrinsecamente ligada à história da Igreja das Gálias. As temáticas abordadas no texto corroboram essa afirmação, pois observamos caminhar lado a lado a narrativa das façanhas e feitos bélicos dos francos e as peripécias e vicissitudes dos clérigos circunscritos aos reinos dos merovíngios.

Um dos eventos centrais da história narrada por Gregório de Tours se apresenta como síntese deste processo, que visa construir uma memória dos francos nos moldes e parâmetros da Paideia romano-helenística ligando a trajetória deste povo 'bárbaro' a Igreja cristã, é o relato do batismo de Clóvis:

A rainha fez vir secretamente São Remígio, bispo da cidade de Reims, La reine fait alors venir en secret saint Rémi, évêque de la ville de Reims, para que pregasse ao rei sua palavra de salvação. O bispo, que tinha vindo em segredo, começa a admoestar que o rei deveria crer no verdadeiro Deus, criador do céu e da terra e abandonar aos ídolos que não poderiam ser úteis nem a ele nem aos outros. Porém o rei lhe replica: 'Escuto voluntariamente, muito santo Padre, no entanto, resta uma coisa: o provo sob minhas ordens não irá abandonar seus deuses, não obstante me entretinha com suas palavras'. Ele foi até o meio de seu povo e antes mesmo que pudesse falar o poder de Deus venceu e todo o povo gritou ao mesmo tempo: 'Aos deuses mortais renunciemos, piedoso rei, é ao Deus imortal que pregou Remígio que estamos prontos a seguir' [...] o batistério é impregnado de um odor divino e Deus cobre aos assistentes de tal graça que estes acreditam terem sido transportados para o meio dos perfumes do paraíso [...] O primeiro a pedir para ser batizado, pelo pontífice, foi o rei. Ele avança, um novo Constantino, para o banho para curar a doença de

uma antiga lepra [...] Mais de três mil homens de seu exército são igualmente batizados (GREGORII EPISCOPI TURONENSIS, 1951, p. 31)⁹.

A narrativa do episódio do batismo de Clóvis é marcada pelo Providencialismo, clara herança agostiniana. A conversão do rei dos Francos não é resultado da atuação do bispo Remígio, apesar de este ser exaltado por Gregório de Tours como um grande orador, mas sim da intervenção direta de Deus que se manifesta por meio do povo (*populus*).

Portanto, a conversão de Clóvis é uma obra direta de Deus, sem intermediação de nenhum clérigo, o que faz do monarca um ser especialmente escolhido e, por conseguinte, destinado a realizar grandes proezas, principalmente em defesa da Igreja e do cristianismo. Esta expectativa se traduz quando Gregório de Tours descreve o rei dos Francos como um novo Constantino. Dessa forma, podemos perceber como o bispo de Tours, na construção da memória dos francos, liga este povo de forma intrínseca aos destinos da Igreja cristã.

Apesar de cristão e até mesmo ter, possivelmente, assumido a condição de monge, Jordanès na *De Origine actibusque Getarum* não relaciona de forma tão íntima a memória dos godos com a Igreja cristã. Algo que talvez possa ser explicado pelo fato de que, por um lado, os godos, a despeito de terem se convertido à fé evangélica, o fizeram por meio do arianismo, que foi considerada uma doutrina herética pelas autoridades eclesiásticas. Por outro lado, nosso autor escreveu sua obra em Constantinopla sob o reinado de Justiniano, um grande defensor da ortodoxia eclesiástica. Jordanès, portanto, ao elaborar sua memória dos godos, necessita recorrer a outros elementos de legitimação do passado desse povo 'bárbaro'.

Nosso autor busca na relação entre godos e romanos o princípio para a construção da memória dos 'bárbaros'. Enfatiza a força e o valor militar dos godos:

[...] Os godos temendo ter sua bravura enfraquecida por uma longa paz colocaram-se sob as ordens de um rei. Alarico, que possui uma esplendida ascendência (Ele é da família dos Baltos, a segunda em nobreza depois de Amalos) que por sua audácia e coragem recebeu o nome 'Baltha' quer dizer audacioso (JORDANÈS, 1995b, p. 146)¹⁰.

⁸Scripturas bellas regum cum gentibus adversis, martyrum cum paganis, Ecclesiarum cum haereticis, prius fidem meam proferre cupio, ut qui legerit, me non dubilet esse catholicum. Illud etiam placuit propter eos, qui appropinquante mundi fine desperant, ut collecta per chronicas vel per historias anteriorum annorum summa, explanetur aperte quot ab exordio mundi sintanni. Sed prius veniam a legentibus precor, si aut in litteris, aut in syllabis grammaticam artem excessero, de qua adphene non sum imbutus. Illud tantum studens, ut quod in Ecclesia credi praedicatur, sine aliquo fuco aut cordis haesitatione retineam: quia scio peccatis obnoxium, per credulitatem puram obtinere posse veniam apud nostrum piium Dominum.

⁹Tunc regina accersiri clam sanctum Remigium Rhemensis urbis episcopum jubet, depreceos ut regi verbum salutis insinuaret. Quem sacerdos accersitum, secretius coepit et insinuare ut Deum verum, factorem caeli et terrae crederet, idola negligeret, quae neque sibi, neque allis prodesse possunt. At ille ait: Libenter te, sanctissime pater, audiam, sed restat unum, quod populus qui me sequitur, non patitur relinquere deos suos: sed vado et loquar eis juxta verba tuum. Conveniens autem cum suis, priusquam ille loqueretur, praecurrente potentia Dei, omnis populus pariter acclamavit: Mortales deos abjicimus, pie rex, et Deum quem Remigius praedicat sequi parati sumus...tolumque templum baptisterii divino respargitur ab odore; talemque ibi gratiam astantibus Deus tribuit ut aestimarent se paradisi odoribus collocari. Rex ergo prior poposcit se a pontifice baptizari. Proceidit novus Constantinus ad lavacrum, delecturus lepra veteris morbum [...] De exercitu vero ejus baptizati sunt amplius tria millia.

¹⁰[...] mox Gothi fastidium eorum increvit, verentesque, ne longa pace eorum resolveretur fortitudo, ordinato super se rege Halarico, cui erat post Amalos

Esse valor militar que permite aos godos estreitarem seus laços com os romanos por meio de tratados que regulamentam as relações estabelecidas entre os dois povos, além de permitirem, devido à generosidade dos imperadores, a progressiva incorporação dos ‘bárbaros’ à sociedade imperial:

Posteriormente o imperador Teodósio recuperando sua saúde tomou conhecimento que o imperador Graciano havia concluído, entre Godos e Romanos, um tratado que ele mesmo tinha desejado. O imperador de boa graça subscreveu esta paz. Ele se aliou a Atanarico, que então havia sucedido Fritigerio, depois de receber as oferendas devidas, com sua amabilidade costumeira, convidou-o a vir à Constantinopla¹¹ (JORDANÈS, 1995b, XXVIII, p. 142).

A batalha dos Campos Catalaunicos, quando um exército romano-germânico luta e vence as poderosas hostes hunas comandadas por Átila, apresenta-se como central na construção da memória dos godos por Jordanès. Esse acontecimento, longa e minuciosamente narrado, assume função axial no labor do nosso autor, pois representa um momento crucial das relações entre romanos e ‘bárbaros’ na medida em que os dois povos se unem contra um inimigo comum prenunciando uma futura fusão.

Como o relato em torno do episódio da Batalha dos Campos Catalaunicos se estende por várias páginas do *De Origine actibusque Getarum*, selecionamos apenas o discurso do emissário do imperador Valentiniano e a resposta do rei dos Visigodos, Teodorico, pois demonstram a perspectiva a partir da qual Jordanès elabora o passado godo, qual seja da interação com os romanos e a sua história, a inserção dos ‘bárbaros’ na Paideia romano-helenística:

Então, o imperador Valentiniano enviou uma embaixada aos Visigodos e ao seu rei, Teodorico. Os embaixadores se exprimiram nestes termos: ‘Estejam bem avisados, vós a mais brava das nações, devem se mobilizar contra o tirano universal que aspira levar a escravidão a todo o mundo, que por qualquer motivo entra em batalha e torna legitimo tudo que empreende. Ele mede a sua propriedade pela distância de alcance de seu braço satisfaz seu orgulho se permitindo tudo, despreza o direito humano e divino e é inimigo da própria criação, sem distinção todos o reconhece como seu adversário. Lembre-se, vos peço – e isso não é algo que se divulgue – que

dividido seremos vencidos pelos Hunos, na guerra as probabilidades são iguais, mas, e isso é preocupante, se não cairmos em armadilhas. Sem falarmos de nós, podeis suportar seu orgulho impune? Tens os braços poderosos, tendes em conta o nosso sofrimento e juntais suas tropas as nossas. Aliviem o desgaste do Império, do qual fazem parte. Se queres saber como sua aliança é desejada e bem vinda para nós, sondas os desígnios do inimigo.’ Com essas palavras e outras semelhantes os embaixadores de Valentiniano conseguiram onvencer Teodorico. Este respondeu-lhes: ‘Romanos, vós achais o que procuravam. Fizestes de Átila nosso inimigo. Nós o buscaremos, não importa onde tenhamos que ir, cheio de orgulho depois de derrotar as nações, os Godos não sabem se medir por homens arrogantes. Ouso dizer que a guerra somente é um fardo pesado para carregar quando a causa é má, mas não há nada a temer quando se defende sua soberania.’ Os duques aclamaram a resposta de seu líder, seguindo felizes a multidão. Todos estão ansiosos para partir, agora são os Hunos que querem por inimigos. Uma inumerável multidão é posta em movimento por Teodorico, rei dos Godos, deixa em saca quatro de seus filhos – Frederico e Eurico, Retemerio e Himmerico – e leva consigo para compartilhar dos eventos Torismundo e Teodorico, seu filho mais velho: escolta feliz, boa maneira de compartilhar o mandamento de contar com o apoio na retaguarda daqueles que enfrentam os mesmos perigos¹² (JORDANÈS, 1995b, p. 187-190).

No relato de Jordanès, importa-nos pouco, pelo menos nesta oportunidade, questionar acerca da veracidade dos discursos proferidos, perguntando como eles teriam sido preservados e chegado até o nosso autor. Possivelmente este recorre ao mecanismo do discurso fictício para compor o seu relato. O importante para nossa análise é percebemos o esforço de Jordanès para imbricar a história dos Godos no passado imperial no sentido de amalgamar a memória dos ‘bárbaros’ à dos romanos e assim dotar aqueles de uma tradição prestigiosa e honrada.

¹²Tunc Valentinianus imperator ad Vesegothas eorumque regem Theoderidum in his verbis legationem direxit: ‘Prudentiae vestrae est, fortissimi gentium, adversus orbis conspirare tyrannum, qui optat mundi generale habere servitium, qui causas proelii non requirit, sed, quidquid commiserit, hoc putat esse legitimum, ambitum suum brachio metitur, superbiam licentia satiat; qui ius fasque contemnens, hostem se exhibet et naturae. Cunctorum etenim meretur hic odium, qui in commune omnium se adprobat inimicum. Recordamini, quaeso, quod certe non potest oblivisci, ab Hunnis non per bella, ubi communis casus est, fusum, sed, quod graviter anget, insidiis appetitum. Vt de nobis taceamus, potestis hanc inulti ferre superbiam? Armorum potentes favete propriis doloribus et communes iungite manus. Auxiliamini etiam rei publicae, cuius membrum tenetis. Quam sit autem nobis expetenda vel amplexanda societas, hostis interrogate consilia’. His et similia legati Valentiniani regem pemoverunt Theodoridum. Quibus ille respondit: ‘Habetis, inquit, Romani, desiderium vestrum; fecistis Attilam et nobis hostem. Sequimur illum quocumque vocaverit, et quamvis infetur de diversis gentium victoriis, norunt tamen Gothi colligere cum superbis, nullum bellum dixerim grave, nisi quod causa debilitat, quando nil triste pavet, cui maiestas adriserit’. Adclamant responso comites duci, laetus sequitur vulgus. Fit omnibus ambitus pugnae, hostes iam Hunni desiderantur. Producitur itaque a rege Theodorido Vesegotharum innumerabilis multitudo; qui quattuor filios domi dimissos, id est Friderichum et Eurichum, , Retemerim et Himmerith secum tantum Thorismud et Theodericum maiores natu participes laboris adsumit. Felix prociuctum, auxilium tutum, suave collegium habere solacia illorum, quibus delectat ipsa etiam simul subire discrimina.

secunda nobilitas Balthorumque ex genere origo mirifica, qui dudum ob audacia virtutis Baltha, id est audax, nomen inter suos acceperat.

¹¹Vbi vero post haec Theodosius convaluit imperator repperitque cum Gothis et Romanis Gratiano imperatore pepigisse quod ipse optaverat, admodum grato animo ferens et ipse in hac pace consensit, Aithanaricoque rege, qui tunc Fritigerio successerat, datis sibi muneribus sociavit moribusque suis benignissimis ad se eum in Constantinopolim accedere invitavit.

Considerações finais

Para finalizar, gostaríamos de retomar algumas ideias centrais de nossa análise. Começemos pela concepção da Antiguidade Tardia como um momento histórico marcado por profundas transformações nos diversos e diferentes níveis da realidade. No período que se estende entre os séculos II e VIII, a Paideia romano-helenística é desafiada por dois grandes atores: de um lado, os cristãos e, de outro, os 'bárbaros'. Instigado por essa situação, o universo cultural e simbólico tardo antigo vivencia grandes modificações no sentido de incorporar os agentes emergentes na sociedade baixo imperial. Observamos, então, um processo em que as permanências e as rupturas tencionam fortemente os múltiplos parâmetros do Império Romano.

Um *locus* de apreciação deste processo é a escrita da história que continua a utilizar-se de mecanismos e formas advindos de uma longa tradição que remonta aos primórdios da investigação histórica tal como o uso dos instrumentos retóricos como estratégia nos relatos dos historiadores. Porém, é inegável que, em muitos casos, esses dispositivos narrativos são utilizados com novos objetivos, como aqueles que encontramos tanto em Gregório de Tours quanto em Jordanès que buscam construir uma memória para os francos e os godos a partir das normas historiográficas tradicionais e, ao fazê-lo, acabam por inserir esses 'bárbaros' na Paideia romano-helenística.

Referências

- AMORY, P. **People and identity in ostrogothic Italy 489-554**. Cambridge: Cambridge University Press, 1997.
- BERRARDINO, A. **Patrologia IV**. Del Concílio de Calcedonia (451) a Beda. Los Padres latinos. Madrid: Biblioteca de Autores Cristianos, 2002.
- BRAVO, G. **Revueltas internas y penetraciones bárbaras en el imperio**. Barcelona: Akal, 1991.
- BROWN, P. **O fim do mundo antigo**. De Marco Aurélio a Maomé. Lisboa: Editorial Presença, 1972. (p. 51-118)
- CERTEAU, M. **A escrita da história**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1982.
- CROCE, B. Latim historiography and barbarian kingdoms. In: MARASCO, G. (Ed.). **Greeck and Roman historiography in late antiquity**. Fourth to Sixth Century A.D. Leiden; Boston: Brill, 2003. p. 349-389.
- CRUZ, M. Religiosidade tardo antiga e cristianização do Império Romano. **Fronteiras. Revista de História**, v. 12, n. 21, p. 13-31, 2010.
- DRINKWATER, J. Maximinus to Diocletian and the 'crisis'. In: BOWMAN, A. K.; GARNSEY, P.; CAMERON, A. (Ed.). **The Cambridge ancient history**. The crisis of the empire, A. D. 193-337. Cambridge: Cambridge University Press, 2005. p. 28-66
- FRIGHETTO, R. **Antiguidade tardia**. Roma e as monarquias romano-bárbaras numa época de transformações. Séculos II-VIII. Curitiba: Juruá, 2012.
- GARCIA MORENO, L. A. **Las claves de los pueblos germánicos 500 a.C.-711**. Barcelona: Planeta, 1992.
- GEARY, P. Ethnic identity as a situational construct in the early middle ages. **Mitteilugen der antropologischen gesellschaft in Wien**, n. 113, p. 15-26, 1983. Disponível em: <<http://www.verlagberger.at/alleprodukte/anthropologischesgesellschaft/hauptbaende/detail/v/isbn-978-3-85028-183-6-34.html>>. Acesso em: 10 ago. 2013.
- GEARY, P. **Before France and Germany**. The creation and transformation of the merovingian world. Oxford: Oxford University Press, 1988.
- GEARY, P. **O mito das nações**. A invenção do nacionalismo. São Paulo: Conrad, Editora do Brasil, 2005.
- GLASSNER, J.-J. **Chroniques mésopotamiennes**. Paris: Les Belles Lettres, 1993.
- GREGORII EPISCOPI TURONENSIS. **Historiarum Francorum libri X**. In: KRUSCH, B.; LEVISON, W. (Ed.). **Series: scriptorum rerum Merovingicarum tomi 1 pars 1; Monumenta Germaniae Historica**. Hannover: Hahn, 1951. p. 161-572.
- GOFFART, W. **Barbarians and romans** (A.D. 418-584). The techniques of accommodation. New Jersey: Princeton University Press, 1980.
- GOFFART, W. **The narrators of barbarian history** (A.D.50-800). Jordanès, Gregory of Tours, Bede and Paul the Deacon. New Jersey: Princeton University Press, 1988.
- HALSALL, G. **Barbarian migrations and the roman west 376-568**. Cambridge: Cambridge University Press, 2007.
- HARTOG, F. **Os antigos, o passado e o presente**. Brasília: Editora da Universidade de Brasília, 2003.
- HEATHER, P. **Emperadores y bárbaros**. Barcelona: Crítica, 2010.
- HERÓDOTO. **História**. Lisboa: Edições 70, 1997.
- JAEGER, W. **Paideia**. Los ideales de la cultura griega. México: Fondo de Cultura Económica, 1987.
- JAMES, E. F. **The Franks**. Oxford: Blackwell, 1988.
- JONES, A. H. M.; MARTINDALE, J. R.; MORRIS, J. **The prosopography of the later roman empire**. Cambridge: Cambridge University Press, 1971. (v. 1)
- JORDANÈS. **De origine actibusque Getarum**. Ann Arbor: University of Michigan Libraire, 1995a.
- JORDANÈS. **Histoire des Goths**. Paris: Les Belles Lettres, 1995b.
- KNOWLES, D. **Great historical enterprises: problems in Monastic History**. London: Thomas Nelson and Son, 1963.
- MARINCOLA, J. **Authority and tradition in ancient historiography**. Cambridge: Cambridge University Press, 1997.

- MOMIGLIANO, A. Historiografia pagana e historiografia Cristiana en el siglo IV. In: MOMIGLIANO, A. (Ed.). **Ensayos de historiografía antigua y moderna**. México: Fondo de Cultura Económica, 1993.
- MOSSÉ, M. **Dicionário da civilização grega**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2004.
- ORLANDIS, J. **Europa y sus raíces cristianas**. Madrid: Rialp, 2004.
- POHL, W. **Kingdoms of the Empire: The integration of barbarians in late antiquity**. Leiden: Brill Academic Publishers, 1997.
- PROCOPIO DE CESAREIA. **Historia secreta**. Madrid: Editorial Gredos, 2000.
- RICHE, P. **Grandes invasões e impérios**. Séculos V a X. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 1980.
- ROUCHÉ, M. **Clovis**. Paris: Fayard, 1996.
- THEODORETO. **The ecclesiastical history**. Kila: Kessinger Publishing, 2010.
- TUCÍDIDES. **História da guerra do Peloponeso**. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1982.
- WENKUS, R. **Stammesbildung und Verfassung**. Das Werden der frömmittelalterlichen. Cologne: Bohlau, 1961.
- WHITTAKER, C. R. Frontiers. In: BOWMAN, A. K.; GARNSEY, P.; RATHBONE, D. (Ed.). **The Cambridge ancient history**. The high empire, A. D. 70-192. Cambridge: Cambridge University Press, 2000.
- WOLFRAM, H. **The Roman empire and its germanic peoples**. Berkeley: University of California Press, 1997.
- WOOD, I. **The merovingian kingdoms 450-751**. London: Routledge, 1994.
- WOOD, I. The barbarian invasion and first settlements. In: CAMERON, A.; GARNSEY, P. (Ed.). **The Cambridge ancient history**. The late empire, A. D. 337-425. Cambridge: Cambridge University Press, 1998. p. 516-537.
- WOODS, D. Late Antiquity Historiography: A brief history of time. In ROUSSEAU, P. **A companion to late antiquity**. Oxford: Blackwell, 2009.

Received on October 25, 2012.

Accepted on March 3, 2013.

License information: This is an open-access article distributed under the terms of the Creative Commons Attribution License, which permits unrestricted use, distribution, and reproduction in any medium, provided the original work is properly cited.